

Contra-Almirante José Luís Ferreira Leiria Pinto

O Contra-Almirante Leiria Pinto é o Sócio Originário n.º 140 da Associação de Fuzileiros. Desde há mais de três anos que desempenha as funções para que foi convidado e posteriormente eleito, como Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Homem com exemplar força de Carácter e Personalidade bem vincada, tem apoiado as direcções da Associação na manutenção da Excelência, que são seu apanágio.

Oficial distintíssimo, enquanto no Activo, teve uma carreira diversificada que, ao longo desta entrevista, temos a oportunidade de seguir.

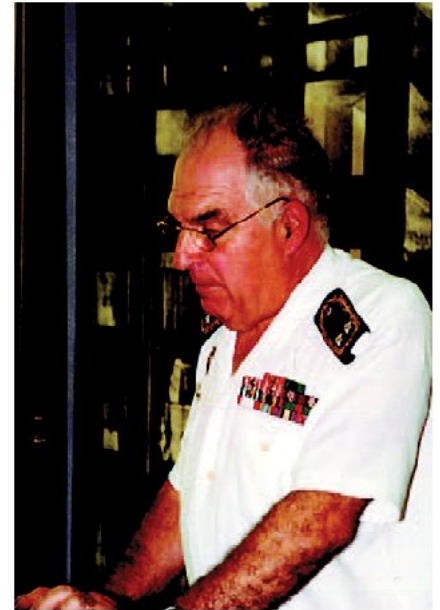
Decorrente desta actividade e do reconhecimento do alto valor dos serviços prestados, o Contra-Almirante Leiria Pinto foi louvado 23 vezes, praticamente por todas as suas chefias. De todos os louvores, há a realçar um dado pelo General Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné e, outro, do Ministério do Ultramar, pelos relevantes e distintos serviços prestados em Timor como Chefe da Repartição Provincial dos Serviços de Marinha.

Estes louvores são bem o reconhecimento dos altíssimos serviços na defesa dos territórios que, ao tempo, considerávamos parte integrante da Pátria. Mais mérito têm quando todos sabemos quanto as Chefias Militares eram ávaras na distinção de militares que não fossem das suas armas.

Decorrente de todos os Louvores e em consequência, foi o Contra-Almirante Leiria Pinto agraciado com as Medalhas que

se listam seguidamente, respeitando a Ordem de Precedência:

- Medalha da Cruz de Guerra de 2.ª Classe;
- Ordem Militar de Avis – *Comendador*;
- Ordem Militar de Avis – *Oficial*;
- Ordem Militar de Avis – *Cavaleiro*;
- Medalha Militar de Serviços Distintos – *Ouro*;
- Três Medalhas Militar de Serviços Distintos – *Prata*;
- Medalha Militar de Mérito Militar – *1.ª Classe*;
- Medalha Militar de Mérito Militar – *2.ª Classe*;
- Medalha Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique;
- Medalha da Cruz Naval de 1.ª Classe;
- Medalha Naval de Vasco da Gama
- Medalha Militar de Comportamento Exemplar – *Ouro*;
- Medalha Militar de Comportamento Exemplar – *Prata*;
- Distintivo da Ordem Militar da Torre e Espada, Lealdade e Mérito;
- Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas, Angola 63/64;
- Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas, Guiné 66/67;



Contra-Almirante José Luís Ferreira Leiria Pinto

- Medalha Comemorativa da Comissão de Serviços Especiais das Forças Armadas Portuguesas, Timor 73/75;
- Medalha de Mérito Naval do Brasil – *Comendador*.

O Contra-Almirante Leiria Pinto é casado com D. Elsa Maria Sotto-Mayor Matoso Leiria Pinto; têm 3 filhos e 7 netos.

Licenciado em Ciências Militares com o Curso de Marinha, é especializado em Armas Submarinas e em Fuzileiro Especial, tem o Curso da Defesa Nacional e os Cursos Geral e Superior Naval de Guerra. É também licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Para mais saberem da maneira de ser e de estar deste camarada, aconselhamo-los vivamente que leiam o seu livro *“Recordações de um Marinheiro, Timor 1973-75”*, ficando informados do que foi a *“Descolonização Exemplar”* naquela parcela, onde era considerado crime pisar a sombra da Bandeira Nacional.

NOTA: Entrevista conduzida pelos Vice-Presidentes da AFZ Cardoso Moniz e Marques Pinto com revisão da associada Maria Cecília

“O Desembarque” (O Desemb.): O Almirante nasceu em Lisboa, onde decorreu a sua infância e adolescência. Quer referir os “acidentes” que passaram e marcaram a sua personalidade?

Alm. Leiria Pinto (LP): *Nasci em Lisboa em 1940, mas dois anos depois fui residir para Loures e em 44 passei a morar em Benfica. Na época, quase uma aldeia na periferia de Lisboa.*

Após a instrução primária, em escolas locais, ingressei no Liceu Pedro Nunes, no ano lectivo 1950/51. Para um jovem de 10 anos era um marco importante a entrada no liceu, após uma prova final da 4.ª Classe e um rigoroso exame de admissão. Tudo era novidade, principalmente para quem até então tinha vivido num lugar pacato e pouco conhecia Lisboa. Adaptei-me rapidamente à nova situação e criei amigos que, passadas seis décadas, ainda encontro semestralmente em jantares para relembrar os “bons velhos tempos”. O “Pedro Nunes” era um bom liceu, com professores competentes e exigentes. Foi uma adolescência que apesar de austera, tanto em casa como no liceu, constituiu um período marcante e altamente positivo na minha formação, já que me incutiu Valores e Princípios que sempre me têm norteado. Na época, o Relativismo, o Laxismo e o Facilitismo que hoje imperam e são origem de tantos problemas, não existiam. A juventude contentava-se com pouco, a vida era relativamente estável e julgo que na generalidade, como no meu caso, guarda boas recordações desse tempo.



No decorrer de uma operação, com o Oficial Imediato do DFE 6, 2TEN Santos Heitor

até, no 5.º ano, uma professora aconselhou-me a ir para a Faculdade de Letras. Mas, aos 15 anos, a minha decisão estava tomada, seguir a Marinha.

Naquele tempo, a entrada para a Escola Naval era difícil, pois o número anual de vagas não excedia a dezena e meia. Além da aprovação no Curso do Liceu era necessário um ano de Preparatórios Militares, com que fiquei habilitado depois de frequentar a Escola do Exército, na Amadora.

Em Outubro de 1958, ingressei na Escola Naval fazendo parte do Curso “Duarte Pacheco Pereira”. Éramos apenas 14 cadetes. Curso muito pequeno mas cujos membros cumpriram comissões em todos os territórios do antigo Ultramar Português, seis comandaram Unidades de Fuzileiros em zonas de campanha, cinco atingiram o almirantado e um foi Chefe do Estado-Maior da Armada.

O Desemb.: Como foi o Curso da Escola Naval?

LP: A Escola Naval era então uma família. O total dos cadetes dos dois cursos mais antigos era de apenas 22. A Matemática exigiu-me muito trabalho, pois a preparação que trazia da Amadora era fraca, mas consegui ultrapassar as dificuldades. Guardo boas memórias do ambiente de camaradagem e entreaajuda que lá se vivia. Estabeleceu-se entre nós, os “filhos da escola”, uma amizade que se tem mantido até aos dias de hoje. As recordações mais duradouras foram, indiscutivelmente, as viagens de instrução. Pouco conhecíamos, além do lugar onde residíamos e, para os mais afortunados, aqueles onde gozavam as férias. Os embarques, ao proporcionar a visita a novas terras, especialmente ao estrangeiro, despertavam sempre grande interesse. Relembro a viagem de fim do curso, em 1961, a bordo da fragata “Pero Escobar”, em que visitámos Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e os principais portos de Angola. Foram os primeiros contactos com a realidade portuguesa em África, especialmente com o início da sublevação angolana. Mal sabia eu que iria fazer duas comissões em mares e terras africanas. Promovidos a Aspirante em Julho, logo em Outubro ascendemos a 2.º Tenente. Nunca fomos Guardas-marinhas, caso único na classe da Marinha.

O Desemb.: Como começou a sua carreira de Oficial da Armada?

LP: Em Novembro de 1961 iniciei, na prática, a minha vida profissional embarcando no navio patrulha “S. Nicolau”.

Casei-me em Junho de 1962. Já lá vão 51 anos. Com 3 filhos e 7 netos! Logo no mês seguinte embarquei no petroleiro “Sam Brás” com destino a Curaçau. Foi uma experiência interessante. Treze dias levava a travessia do Atlântico até chegarmos à então colónia holandesa que não era mais que uma enorme refinaria e um pequeno aglomerado de lojas, onde prosperava um comércio a preços muito convidativos. No porto, os navios aguardavam o embarque de produtos petrolíferos, mas o “Sam Brás”, como habitualmente, tinha prioridade. Mais tarde vim a saber que a água potável era ali tanto ou mais valiosa que o petróleo, pelo que o “Sam Brás” negociava a água que trazia de Lisboa como lastro e por consequência passava à frente dos outros navios.

Entretanto, foram abertos convites para as várias especializações. Concorri a Comunicações mas, com pena minha, fui nomeado para Armas Submarinas. Para compensar tornar-me-ia, anos depois, radioamador.

O Desemb.: Entretanto faz a sua 1.ª Comissão na fragata “Diogo Gomes”. Sentiu dificuldades em se adaptar à vida a bordo?

LP: A minha primeira comissão teve uma parte em Angola e os últimos quatro meses na Guiné. Pessoalmente foi um período inesquecível, pois pude conviver permanentemente com oficiais mais antigos, que me transmitiram o seu saber e, simultaneamente, permitiram conhecer o sentir do pessoal da guarnição. Disse-me, com razão, um velho Almirante que, ainda hoje, conseguia distinguir os oficiais com uma longa comissão de serviço de embarque no antigo Ultramar.

Relembro o dispositivo naval ao longo do rio Zaire, com os seus postos guarnecidos por fuzileiros e as lanchas de fiscalização que contribuíam com eficiência para a inviolabilidade da fronteira. O binómio lancha/bote e fuzileiro começava a demonstrar o seu valor. Muito me impressionou a motivação que reinava na gente de Marinha e a sua operacionalidade, apesar de dispor de meios limitados.

Claro que, como se dizia na gíria, havia pessoal “apanhado pelo clima”. Recordo quando no cinema de Cabinda passava o filme “Os Canhões de Navarone”, a imagem deixou de aparecer no ecrã e apenas se manteve o ruído dos canhões. Resultado, os espectadores abandonaram precipitadamente o recinto, pensando que estavam sofrendo um ataque real. Na ocasião, qualquer faroleiro afirmava ter avistado um submarino russo na proximidade do seu farol! Tive a noção perfeita que havia uma guerra mas não a vivi, por ora, directamente.

O Desemb.: Em que fase da sua vida decidiu que a Marinha seria a sua ambição profissional?

LP: No âmbito das actividades da Mocidade Portuguesa funcionavam os denominados Centros Especiais onde se podiam praticar, gratuitamente, diversas modalidades desportivas como por exemplo Vela, Remo e Marinharia. Assim, aos 12 anos, ingressei no Centro de Vela da Mocidade Portuguesa, em Algés. Perante as correntes do Tejo, as nortadas, por vezes as chuvadas e as preocupações em evitar abalroamentos, numa zona de constante navegação, fui apreciando o desporto da Vela e por consequência a sentir uma certa atracção pela vida no mar. Foi essa prática que me fez escolher a Marinha como profissão.

O Desemb.: Não encontrou dificuldades em alcançar o seu objectivo?

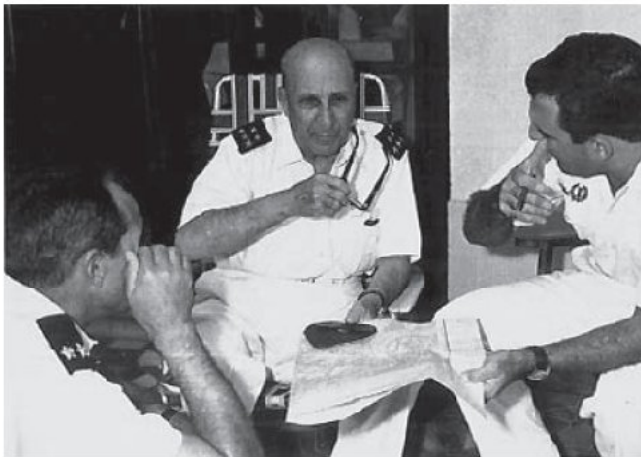
LP: Concluí o liceu no Verão de 1957. Fui um aluno médio. Gostava de História, obtive melhores notas na área de Letras e

Na Guiné, a situação era bastante diferente. Desde logo, um inimigo muitíssimo mais bem preparado, um clima inóspito num território diminuto e cercado por países que constituíam verdadeiros santuários da guerrilha. Ali, no aspecto operacional e especialmente logístico, a acção da Marinha era imprescindível. Já então era rara a lancha que não tivesse entrado em combates, cujas datas estavam inscritas em placas fixadas no exterior da casa do leme, nas lanchas de desembarque ou na asa da ponte, em lanchas de fiscalização. Angola e Guiné, dois teatros de operações desiguais mas onde a Marinha e os seus fuzileiros, apenas com cerca de três anos de existência, mostravam os seus méritos.

O Desemb.: Terminada a comissão, sabemos que não teve ocasião para recuperar. Foi nomeado para frequentar o curso de Fuzileiros Especiais (FZE's) e em 1966 estava na Guiné a comandar um DFE. A distância de 46 anos mais ou menos, o que se lhe oferece dizer-nos, para que nada se perca, dessa comissão tão terrivelmente desgastante?

LP: Em Maio de 1965 e após breve embarque no contratorpedeiro "Vouga", iniciei o curso de Fuzileiro Especial. Quando ingressei na Marinha estava longe de pensar que, além dos navios, teria que ser infante. Já tinha bastado um ano na Escola do Exército! Nada satisfeito recordei a Guiné e os seus "sacrificados" Fuzileiros. Lá tirei o curso. A grande dedicação e competência dos instrutores e a boa preparação recebida, especialmente na mentalização e na parte física, permitiam que o Fuzileiro se adaptasse com relativa facilidade a qualquer dos três teatros de operações africanos, tão diferentes entre si. Em Outubro, sou promovido a 1º Tenente e em Dezembro nomeado Comandante do Destacamento nº. 6 de Fuzileiros Especiais. Tinha 25 anos de idade, julgo que fui o mais jovem Comandante de Destacamento. Sendo o mais moderno, obviamente calhou-me a menos apetecida comissão - a Guiné.

Ainda sobre a nomeação de oficiais da classe de Marinha para Fuzileiro, acontece que, apesar de praticamente a grande maioria não ter sido voluntária, hoje é quase unânime a afirmação de que foi uma boa experiência, especialmente pelo lado humano e que muito reforçou a liderança, qualidade essencial na carreira militar.



Em Bissau, no Comando de Defesa Marítima da Guiné, com o Ministro da Marinha, Almirante Quinianilha de Mendonça Dias (ao centro) e o Comodoro Ferrer Caeiro (à esquerda)

Parti de Lisboa com destino à Guiné no dia 11 de Janeiro de 1966, precisamente no dia do meu aniversário! Na ocasião, o comandante e o sargento quartel-mestre iam antes da unidade, o primeiro para se habituar aos tiros e o segundo para receber material. No dia seguinte à chegada a Bissau, integrado num Destacamento participei numa operação na Ponta do Inglês. Local da confluência dos Rios Geba e Corubal e em que o contacto com o inimigo nunca falhava. Foi a minha primeira experiência em combate. Eram tiros por todo o lado, confesso que estava atarrado e a certa altura perguntei ao imediato do Destacamento, o saudoso Comandante Xico Monteiro, se uma pessoa conseguia sobreviver durante a comissão, ao que ele calmamente me respondeu: "Ao princípio é sempre assim, depois... a gente habitua-se".

Nunca esqueci esta verdade. É certo que quando não se tem responsabilidade directa, como era na altura o meu caso, a pessoa pensa em si própria mas, normalmente, quando tem homens sob seu comando a decisão impõe-se e os receios e medos desaparecem.

Comandada pelo Comodoro Ferrer, que considero um dos mais notáveis Oficiais Gerais em serviço no Ultramar, a Marinha, com quatro Destacamentos e uma Companhia de Fuzileiros, perto de quatro dezenas de lanchas de desembarque e fiscalização de vários tipos, uma Estação Radionaval e umas Oficinas Navais altamente eficientes, desempenhava um papel fundamental naquele complicado teatro de operações. Tempos difíceis, em que o meu objectivo principal era o cumprimento das missões não descuidando a segurança do meu pessoal. Apesar de ser uma unidade jovem, a média das idades rondava os 20 anos e sem qualquer experiência de combate, os meus homens foram um exemplo de dedicação e espírito de sacrifício, muitas vezes perante situações em que o risco de vida era iminente. Não esqueço o inestimável apoio dado pelo meu oficial imediato, o amigo sempre recordado 2.º Tenente Zé Heitor.

Na ocasião, as bacias hidrográficas guineenses estavam distribuídas pelos Destacamentos a quem eram atribuídas lanchas de desembarque para a fiscalização e operações. Coube-me a responsabilidade dos rios Geba e Mansoa e o Comando Operacional das LDM's 202, 203 e 303 e da LDP 304.

Relembro as operações que efectuei, por exemplo, uma em Jabadá na margem sul do Geba perto de Bissau, zona fortemente controlada pelo inimigo. Tinha que ter muita curta duração e em que o factor surpresa era fundamental. As lanchas passaram a patrulhar a área com mais frequência, até que, num Domingo, o Destacamento desembarcou mesmo em frente à povoação em que o inimigo estava instalado. O reembarque, ainda antes da maré começar a vaziar, fez-se logo após o ataque. A operação, que durou cerca de hora e meia, teve resultados muito positivos pois o inimigo foi completamente surpreendido numa ocasião em que, à semelhança do que acontecia em Bissau nas tardes de Domingo, ouvia descansadamente os relatos dos desafios de futebol da Metrópole!

Várias foram as operações na pouco pacífica Ponta do Inglês, onde não era aconselhável operar com menos de dois Destacamentos e na famosa ilha do Como, onde por vezes os quatro Destacamentos "mal chegavam para as encomendas".

O Desemb.: Pode recordar-nos a operação que mais o tenha sensibilizado?

LP: Tenho em memória, logo em Agosto de 1966, a comandar uma TU constituída pelas LDM's 203 e 301, tendo a bordo uma secção fraccionada do DFE6 com armas de apoio, a ida a Xitole, uma povoação muito a montante da foz do rio Corubal e a pouca distância

da fronteira com a Guiné-Conakry. A missão consistia em transportar para Bissau mancarra (amendoim) e, principalmente mostrar que a Marinha podia navegar onde bem entendesse, mesmo em rios com forte presença inimiga. Julgo que as lanchas nunca tinham ido até ao Xitole, desde o início da guerrilha. Logo que entrámos no Corubal ouviram-se tiros de pistola que se repetiram para montante, ficando a zona alertada. Depois, sofremos sucessivos ataques que incluíam armamento pesado e provocaram impactos nas lanchas. Embarcada a mancarra, o regresso foi iniciado aos primeiros alvares do dia seguinte e, obviamente, de acordo com as marés. O inimigo que aguardava a passagem das lanchas atacou em força, tendo a LDM 301 sofrido 60 impactos, um ferido, o apontador da "Oerlinkon" e água aberta na casa da máquina, o que obrigou a outra lancha, que navegava na testa, a passar-lhe reboque debaixo de fogo. Devido a atrasos na navegação, as lanchas encalharam a 100 metros da margem, muito antes de alcançar o ponto previsto para começar a receber a enchente. Felizmente, já era noite. Impossibilitados de estabelecer comunicações com Bissau, para não revelar a posição através da luz do transceptor que não podia ser totalmente oculta, permanecemos em postos de combate, perante fortes probabilidades de sermos atacados, numa zona onde o inimigo lançava sucessivos very-lights a fim de nos tentar localizar. Imobilizado, sem poder tomar qualquer iniciativa, passei horas angustiantes até que chegou o macaréu (a onda de enchente) e rapidamente foi possível reatar a navegação, lenta devido ao reboque e ser contra a corrente. Aos primeiros alvares, fomos violentamente atacados mas na ocasião já tínhamos comunicações e a reconfortante cobertura aérea. À chegada a Bissau, estava no cais a receber-nos o próprio Comodoro Ferrer que, scube depois, tinha ficado extremamente preocupado por desconhecer o que estava a acontecer aos seus Fuzileiros e às suas lanchas. Foi um Grande Chefe!



No decorrer de uma operação de desembarque do DFE 6

Podia descrever muitas outras das 40 operações efectuadas pelo DFE6 na Guiné. Ficarão, porém, para as minhas memórias que um dia gostava de escrever.

Consegui concretizar o meu objectivo, cumprir a missão e embora tendo alguns homens feridos todos regressaram vivos às suas famílias.

O Desemb.: A partir da comissão na Guiné, quer deixar-nos expresso as situações porque passou e as circunstâncias vividas mais ou menos gratas?

LP: Terminada a comissão na Guiné, voltei em Novembro de 1967 à Escola de Fuzileiros para o Gabinete de Estudos da Luta Contra a Subversão. Departamento recém-criado que analisava os relatórios recebidos do Ultramar, distribuía pelas Unidades de Fuzileiros uma síntese das experiências obtidas nos vários teatros de operações e apresentava superiormente conclusões e propostas. Esta prática, julgo ter sido pioneira na Marinha.

Em Abril de 68, voltei a embarcar. Foi na lancha de fiscalização "Azevia" nas acolhedoras águas algarvias. Passei dois anos trabalhosos, era então a única unidade naval no Algarve, mas de boas recordações já que além de ser o meu primeiro comando no mar estava no "paraíso" depois do "inferno" na Guiné.

Terminada a "Azevia", fui Comandante de Companhia e Instrutor de Cálculos Náuticos na Escola Naval. Também foram uns bons tempos em que não só aumentei os meus conhecimentos de Navegação, como também deu possibilidades de me aperceber das dificuldades e dos anseios dos Cadetes. A comissão na Escola Naval foi interrompida, pois os Fuzileiros necessitavam de um chefe para o Gabinete de Estudos e lá voltei a um serviço que se vinha tornando cada vez mais útil para melhorar a eficiência das Unidades de Fuzileiros em África.

Entretanto, em Agosto de 71, tinha sido promovido a Capitão-Tenente e ia subindo na escala para nova comissão, no Ultramar.

O Desemb.: Julgamos que se segue a comissão em Timor. Sobre essa comissão foi autor de um livro notável que, a cada passo, ouvimos citar. Que nos diz sobre esses tempos?

LP: Em Setembro de 1973, fui destacado da Escola de Fuzileiros para assumir o cargo de Comandante da Defesa Marítima e Capitão dos Portos de Timor. Tinham sido, no total, cerca de cinco anos nos Fuzileiros. Ganhei experiências únicas, fiz amigos e fiquei firmemente convicto de que "Fuzileiro uma vez, Fuzileiro para sempre".

Iniciava então, a terceira comissão de serviço. Desta vez, acompanhado da minha Mulher e dos meus três filhos, o mais novo com meses de idade. Após Angola numa paz relativa e Guiné na guerra, perspectivavam-se dois anos em que iria viver num ambiente sossegado, tão diferente do das conturbadas terras africanas. Porém, estava profundamente equivocado. As repercussões do 25 de Abril haviam de originar em Timor uma guerra civil que motivou a invasão indonésia. Vivi a pior das guerras - a Guerra Civil.

Descrever o que foi a minha comissão em Timor levaria bastante tempo e por isso está fora do âmbito desta conversa. Para conhecer a verdadeira história da presença da Marinha nos dois últimos anos da existência do Timor Português, recomendo o meu livro "Recordações de um Marinheiro. Timor 1973-1975". Nele afirmei: Fui o último Comandante da Defesa Marítima e Capitão dos Portos de Timor. Tive a profunda tristeza de assistir aos dois derradeiros anos da secular presença portuguesa na mais longínqua parcela dos

seus territórios ultramarinos mas, por outro, a grande satisfação e a inesquecível recordação de ter comandado um pequeno grupo de marinheiros que, em situações extremas, se pode afirmar, parafraseando o lema da Marinha, “Honraram a Pátria”.

O Desemb.: Na sua opinião, quais foram as causas que determinaram o fim da paz até então reinante em Timor?

LP: Considero que as principais causas que determinaram o deteriorar da situação foram as seguintes:

– Em Timor, o pós 25 de Abril forçou pessoas a optarem por posições políticas que nunca tinham tido e para as quais não possuíam o mínimo de preparação. Igualmente, o dito “apoio” à revolução foi-se transformando em apoio à subversão.

– A Indonésia, reiteradamente, afirmou que não tinha reivindicações territoriais sobre o Timor Português por este não ter feito parte da herança colonial holandesa. No entanto, o território nunca poderia constituir uma ameaça à sua segurança.

– Timor aguardou por parte de Lisboa a solução de problemas considerados mais urgentes noutros territórios, especialmente em Angola, criando-se localmente um ambiente de expectativa e sensação de abandono que a Indonésia seguia atentamente, tendo ela própria aproveitado a oportunidade para fomentar a instabilidade política e social.

O Desemb.: Sobre tudo o resto que julgue importante tem “antena aberta” para poder referenciar.

LP: Regressei a Lisboa nas vésperas do Natal de 1975, por isso desconhecia tudo o que tinha sucedido na Metrópole desde a minha partida para Timor, em Setembro de 1973. Já passaram cerca de quatro décadas e ainda hoje, ao ouvir o relato de certos episódios da época em que estive ausente, fico abismado.

Após um breve período como imediato da fragata “Almirante Gago Coutinho”, assumi o comando do navio balizador “Schultz Xavier”. Durante dois anos o navio deu apoio aos faróis, não só do Continente como dos Açores e da Madeira, tendo então oportunidade de visitar todas as ilhas açorianas, inclusive as Formigas e montar nas Selvagens o seu primeiro farol. O “Schultz” igualmente levou a reboque para o Funchal o antigo draga-minas “Horta”, então já abatido, pôs a flutuar uma LDM que se tinha afundado na Base de S. Jacinto, em Aveiro e safou uma LDG que, durante um exercício de Fuzileiros, tinha ficado encalhada numa praia alentejana. Senti-me plenamente realizado como marinheiro.

A seguir ao período de embarques sucederam-se os cargos em terra. Experiência interessante foram os cerca de três anos e meio que passei em Vila Franca, inicialmente como Director de Instrução da Escola de Alunos de Marinheiros e, quando esta passou à situação de adstrita, como seu Comandante. Realizavam-se então três recrutas anuais, cada uma com 700 homens. Em poucas semanas, devido principalmente à inexecutável dedicação e competência de um Corpo de instrutores, a grande maioria Fuzileiros, os objectivos do curso eram plenamente atingidos. Inesquecíveis as cerimónias de Juramento de Bandeira que reuniam centenas de familiares dos alunos, alguns vindos propositadamente do estrangeiro para onde tinham emigrado. Lembro-me dos pais de um aluno que vieram agradecer-me o convite, afirmando que tinham ouvido pela primeira vez a leitura dos Deveres, o que os impressionou já que estavam habituados unicamente a referências aos Direitos.

Depois, foram dois anos como Chefe da 1ª. Secção da Repartição da Direcção do Serviço do Pessoal, isto é, a movimentação dos oficiais. Era um complexo puzzle em que muitas vezes faltavam peças. Cheguei a ter saudades da Guiné mas, sobrevivi.

Outro cargo difícil me esperava – o de Comandante do Corpo de Alunos da Escola Naval. Felizmente, estávamos em Março de 1984 e a Escola já tinha ultrapassado o período crítico pós 25 de Abril. Em Janeiro de 86, fui nomeado Director de Instrução e com o conhecimento que tinha da Escola, o desempenho do cargo decorreu sem grandes problemas. Fui promovido a Capitão-de-mar-e-guerra e após frequência do Curso Superior Naval de Guerra voltei a Vila Franca para comandar o Grupo nº1 de Escolas da Armada. Fui o único oficial que teve os dois comandos, o da Escola de Alunos e o do Grupo. Vila Franca, a “Universidade da Lezíria”, como referida na gíria, com os seus cerca de 2.000 homens era, em contingente, a maior unidade das Forças Armadas. Mercê de um conjunto de colaboradores dedicados e competentes foi um comando de que guardo boas recordações.

Seguiu-se um breve período, na Direcção de Infraestruturas Navais. Novas experiências que não duraram muito, pois, em Março de 1991, fui convidado para Chefe do Gabinete do Chefe do Estado Maior da Armada. Depois dos “ares da lezíria, os ares da cúpula da Marinha”. Praticamente não havia horários, os assuntos a tratar eram contínuos e não existia margem para erros que, a acontecerem, teriam efeitos devastadores. Estava-se sempre “em postos de combate”. Trabalhei bastante mas, em compensação, aprendi muitíssimo.

O Desemb.: Foi então que teve, presumimos, a honra de comandar a Escola Naval. Confirma?

LP: Sempre entendi que após a comissão no Gabinete devia afastar-me dos centros de decisão e por isso manifestei interesse em prestar serviço nos Açores. Cheguei a ser nomeado o seu Comandante Naval. Porém, o Comandante da Escola Naval foi promovido e eu indicado para o substituir. Depois de ter desempenhado quase todos os cargos de chefia na Escola, anos antes tinha declinado o convite para ser o seu oficial imediato (foi a única recusa em toda a minha carreira naval), assumi o seu comando. Tinha adquirido bastante conhecimento da Escola e estava rodeado de um valioso grupo de oficiais, numa ocasião em que retornavam as tentativas, contrárias aos interesses da Marinha, de criar uma Academia única para os três Ramos. Contra-argumentar em relação a este projecto foi uma das minhas principais tarefas, recorrendo, entre outros factos, aos aspectos negativos que então a Escola Naval sofriria com a chegada de alunos provenientes do 1º ano comum realizado no Exército. Infelizmente, esta última passagem pela Escola Naval não me deixou grandes saudades. Bem tinha eu razão de querer depois do Gabinete “desaparecer” para os Açores.



Com o Comandante do Sector de Oé-Cusse, Capitão Cardoso

Em Julho de 1995, assumi o cargo de Subdiretor-Geral de Marinha, no fim desse ano Vogal do Conselho da Direcção do Instituto da Acção Social de Forças Armadas (IASFA) e a partir de Novembro de 97 Vice-Presidente da Comissão de Direito Marítimo Internacional. Em todos estes lugares tomei contactos com actividades muito específicas e, por consequência, foram para mim uns tempos positivos.

O Desemb.: Sabemos ainda que, para o Almirante Leiria Pinto, nunca foi tarde para levar mais longe os conhecimentos, quiçá, a sua também vocação em ciências históricas.



Com o Liurai de Oé-Cusse, D. José da Costa, junto ao monumento em Lifau. Agosto de 1974

LP: De facto. No ano lectivo de 1997/98 inicie o curso de História na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, tendo obtido a licenciatura em 2001.

Porventura na sequência desse meu interesse, entretanto, a partir de fins de 2000, passei a desempenhar o último cargo da minha já longa carreira, o de Director da Biblioteca Central e, em acumulação, o de Presidente da Comissão Cultural de Marinha. Descrever o que foram esses seis anos dava também para escrever um livro, por isso apenas posso afirmar que constituem um período de que guardo boas memórias e durante o qual, entre outras realizações, tive a oportunidade de incentivar e apoiar a publicação de vários escritos, nomeadamente, o livro “Fuzileiros. Factos e Feitos na Guerra de África 1961/1974”. Uma obra imprescindível para se conhecer a História dos Fuzileiros durante aquele período.

Em Fevereiro de 2007, com 67 anos de idade, deixava a efectividade do serviço, após 49 anos dedicados inteiramente à Marinha.

O Desemb.: E da sua participação no âmbito do associativismo quer dizer-nos alguma coisa? E de como passa, presentemente, o seu tempo?

LP: O desporto da Vela, o Radioamadorismo e o estudo da História sempre me cativaram.

Continuo a praticar as duas primeiras actividades. Fui Presidente da Direcção e da Assembleia Geral do Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada (CNOCA) e Presidente da Assembleia Geral da Associação Nacional de Cruzeiros.

No Radioamadorismo, que pratico desde a minha comissão em Timor, sou um dos membros fundadores do Núcleo de Radioamadores da Armada.

Na área da História, sou Presidente da Assembleia Geral do Grupo de Amigos do Museu da Marinha, grupo de que já fui Presidente da Direcção. Sou ainda: Presidente da Direcção da Associação Werceslau de Moraes; Membro Emérito da Academia de Marinha e, igualmente, membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar.

Presentemente, dedico-me à investigação histórica. O acervo do Arquivo Histórico da Marinha constitui um riquíssimo manancial de informação pouco estudado, e nele tenho passado algumas horas. Colaboro na Revista da Armada escrevendo biografias de marinheiros ilustres e o historial de navios da Armada. Mantenho interesse sobre todos os assuntos de Timor, tendo sido convidado para proferir palestras sobre o tema. Claro que também dedico parte do meu tempo à Família, mas falta-me sempre algum para poder fazer tudo o que desejava.

O Desemb.: E no âmbito da Associação de Fuzileiros, da nossa Associação – de que é Presidente da Assembleia-Geral – e para terminar, não gostaria de dizer-nos alguma coisa?

LP: Sim. Quero reiterar a afirmação de que o ser Fuzileiro e ter tido a oportunidade de comandar homens em combate muito contribuiu para a minha formação de Homem e de Militar e me ajudou, ao longo da vida, a resolver situações por vezes complexas.

A nossa Associação, devido à dedicação e competência da sua Direcção e à colaboração dos sócios, tem evoluído positivamente e estou certo que um dos seus principais objectivos – o apoio de várias naturezas, aos sócios em particular aos mais necessitados e a todos quantos trabalham ou trabalharam em benefício da nossa Marinha –, irá sendo cada vez mais cumprido.

Por fim, à revista “O Desembarque” que, nos últimos números, tem melhorado significativamente, as minhas felicitações e também os agradecimentos por terem dado a um “Velho Fuzileiro” a oportunidade de contar o que tem andado a fazer neste mundo.



Como Comandante da Escola Naval, em revista ao Corpo de Alunos

A Revista “O Desembarque” manifesta a sua gratidão por nos ter sido concedida esta entrevista. Muito obrigado, Sr. Almirante.